O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875 — JULIO MESQUITA (1862 - 1927)

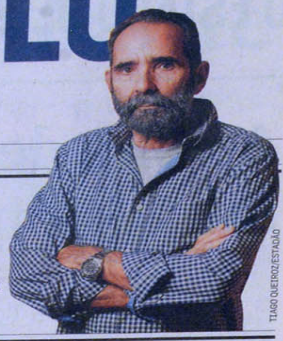
Terça-feira | 9 DE JANEIRO DE 2018 | R$ 4,00 | ANO 139 | Nº 45374 | EDIÇÃO DE 0H30 | estadão.com.br

ALBERT GEA/REUTERS

Esportes
Coutinho
Meia promete 'honra' brasileira no Barça. PÁG. A12

Viagem
Ano do feriadão
Programe-se para 10 folgas nacionais em 2018. PÁG. D1

Caderno2
Exposição
Figueroa mostra fotos da velha Cuba e da atual. PÁG. C1



TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

Para comissão do TST, parte da reforma só vale para contrato novo

Parecer é contrário ao do governo, que defende mudança para todos os trabalhadores

Com o argumento de que a reforma trabalhista não pode retirar direitos adquiridos do trabalhador, uma comissão formada por ministros do Tribunal Superior do Trabalho (TST) avaliou que alguns pontos das novas regras valem apenas para novos contratos, feitos a partir de 11 de novembro, quando as mudanças começaram a valer. Entre os pontos, estão o fim do pagamento pelo tempo de deslocamento entre casa e empresa e a proibição de incorporar gratificações e diárias de viagem ao salário. Contrário ao entendimento do governo, que defende a mudança para todos os trabalhadores, o parecer ainda será votado no plenário do tribunal. Empregadores criticaram o entendimento dos ministros, enquanto sindicatos receberam bem o documento. **ECONOMIA / PÁG. B1**

Maia trabalha para minar candidatura de Meirelles

Apontado pelo DEM como possível candidato à Presidência da República em 2018, o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (RJ), atua para minar a candidatura do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles (PSD), ao Palácio do Planalto. Antes com discurso alinhado ao do ministro, o parlamentar fluminense faz questão agora de se distanciar e diferenciar seu perfil do de Meirelles. Para o presidente da Câmara, o ministro erra ao não propor uma agenda pós-reforma da Previdência. **POLÍTICA / PÁG. A4**

Governo adia mudança na 'regra de ouro'

Após polêmica, o governo decidiu adiar as discussões sobre a possibilidade de mudar a "regra de ouro" do Orçamento para depois da reforma da Previdência. Também descartou a flexibilização da norma. A "regra de ouro" impede que o País emita títulos da dívida pública para bancar despesas correntes – descumpri-la é crime de responsabilidade. A equipe econômica estuda alternativas, como aprovação de créditos suplementares, o que permitiria ao governo elevar dotações de despesas em 2019. **ECONOMIA / PÁG. B3**

Armamento do crime vem do Paraguai e dos EUA, diz PF

Pistolas e revólveres usados por facções criminosas vêm do Paraguai, enquanto rifles e fuzis têm origem nos Estados Unidos. É o que mostra levantamento da Polícia Federal com base no rastreamento de 9.879 armas apreendidas. Bolívia, Argentina e Uruguai vêm na sequência entre os principais fornecedores. O relatório mostra ainda que 99% das armas entram no País por fronteira terrestre. **METRÓPOLE / PÁG. A9**

Negócios

Carlos Wizard compra KFC e Pizza Hut no País

O empresário Carlos Wizard Martins fechou acordo para comprar as operações da Pizza Hut e do KFC no País, marcas que pertencem à americana Yum! Brands. Wizard investirá R$ 60 milhões, em cinco anos, na abertura de 20 lojas da rede KFC e R$ 75 milhões em 35 unidades da Pizza Hut. **ECONOMIA / PÁG. B7**

NELSON ANTOINE/ESTADÃO CONTEÚDO

Inverno em janeiro
O clima surpreende em São Paulo, que tem janeiro com chuva e frio. A cidade já registra 34% da chuva normal para o mês. Ontem, a temperatura chegou a 16,5°C, a marca mais baixa para o período. **METRÓPOLE / PÁG. A10**

● Socorro à Caixa em discussão
Para o procurador Julio Marcelo, o socorro de R$ 15 bilhões à Caixa com recursos do FGTS pode reeditar caso do BNDES nos governos Lula e Dilma, que começou com empréstimo de R$ 12 bilhões. **PÁG. B5**

KATE MIDDLETON

Dia de princesa na creche
Aos 2 anos, Charlotte começou a frequentar a Willcocks Nursery School, que custa R$ 5,3 mil por mês. **INTERNACIONAL / PÁG. A8**

AP

Coreias: volta ao diálogo
O ministro sul-coreano Cho Myoung-gyon (*esq.*) cumprimenta o vizinho do norte, Ri Son Gwon, no primeiro encontro diplomático entre os dois países em dois anos. **INTERNACIONAL / PÁG. A7**

Eliane Cantanhêde
O governo sacoleja de recuo em recuo; o último deles na PEC da "regra de ouro". **POLÍTICA / PÁG. A6**

Bernard Appy
A tributação sobre a folha de salários dos empregados formais é bastante elevada. **ECONOMIA / PÁG. B2**

Juiz suspende posse de filha de Jefferson

O juiz Leonardo da Costa Couceiro, da 4.ª Vara Federal de Niterói, entendeu que a escolha da deputada Cristiane Brasil (PTB-RJ) como ministra do Trabalho desrespeita a "moralidade administrativa". Ela foi condenada em processo trabalhista. A posse de Cristiane estava marcada para hoje. **POLÍTICA / PÁG. A5**

Febre amarela causa 3ª morte na Grande SP

O total de mortes por febre amarela subiu para três na Grande São Paulo após a confirmação do óbito de um morador de Guarulhos, infectado em dezembro. As doses fracionadas da vacina contra a doença devem ser aplicadas no próximo mês. Em um ano, houve 13 mortes no Estado. **METRÓPOLE / PÁG. A11**

NOTAS & INFORMAÇÕES

Brasil, país poupador de terras

Devastação de matas e agricultura predatória são temas frequentes sobre preservação ambiental, num falatório mal informado, muitas vezes desonesto. **PÁG. A3**

Um veto consistente

O Simples Nacional já é um regime de tributação favorecida. **PÁG. A3**

Tempo em SP 18° Mín. 25° Máx.

2º dia da Fuvest tem Bowie, Nobel e xadrez

METRÓPOLE / PÁG. A11

Investigador negocia depoimento de Trump

INTERNACIONAL / PÁG. A8

MISTO Papel produzido a partir de fontes responsáveis FSC® C113259 www.fsc.org

Esta publicação é impressa em papel certificado FSC® garantia de manejo florestal responsável pela S. A. O Estado de S. Paulo

ISSN - 1516-293-1

Caderno2

A primeira exposição do fotógrafo Figueroa no Brasil reúne imagens da velha Cuba e da atual

O olhar cubano

FOTOS JOSÉ ALBERTO FIGUEROA

Ícone. Foto do busto do líder José Martí revela culto e contrasta com a solidão do garoto (*abaixo*)

Antonio Gonçalves Filho

Comemorando meio século de carreira, o fotógrafo cubano José Alberto Figueroa, aos 71 anos, abre hoje, na Caixa Cultural, sua primeira exposição no Brasil, *Um Autorretrato Cubano*. A retrospectiva, com 69 fotos, reúne tanto imagens atuais de Havana como as registradas nos anos 1960, quando Figueroa era assistente de Alberto Korda (1928-2011), fotógrafo que assinou a histórica imagem do guerrilheiro argentino Che Guevara (1928-1967) reproduzida em milhões de camisetas. Aliás, um das fotos da mostra destaca em primeiro plano a mesma imagem do revolucionário impressa num isqueiro norte-americano, que Figueroa ganhou de presente do próprio Korda.

Ele teve o isqueiro confiscado numa viagem aos EUA, conta. Sua família se exilou em Miami – ele foi o único a ficar em Havana, em 1964, pois estava servindo o Exército. A história do isqueiro aconteceu muitos anos depois. Figueroa foi convidado a participar de uma exposição em Nova York, em 2011, que, por fatídica coincidência, abriu um dia antes da queda das torres gêmeas. O fotógrafo cubano registrou, então, a metrópole vazia. Mas perdeu o isqueiro.

Segundo a filha Cristina Figueroa, curadora da exposição, o pai sempre está no epicentro dos acontecimentos históricos. Não por escolha. Foi assim no caso das torres gêmeas de Nova York, assim como na derrocada da Alemanha Oriental com a queda do muro de Berlim. Durante a guerra de Angola, estava no país como correspondente e acabou registrando o cotidiano dos cubanos enviados ao país africano.

A exposição traz essas imagens e muito mais. Dividida em quatro seções, elas mostram o outro lado da Revolução, nos anos 1960, o colapso do Leste Europeu comunista, as imagens dos ícones nacionais de Cuba e a transformação do país após os EUA reatarem os laços diplomáticos.

Mais informações sobre a exposição de Figueroa na pág. C6

TRANCOSO É O DESTINO
MAIS SOFISTICADO DO BRASIL
E COM O FASANO TRANCOSO
VAI FICAR AINDA MAIS.

HOTEL + VILLAS + ESTÂNCIAS

FASANO

TRANCOSO

OBRAS AVANÇADAS – ÚLTIMAS UNIDADES

INAUGURAÇÃO RÉVEILLON 2018/2019

VISITE O LOUNGE NO QUADRADO DE TRANCOSO E CONHEÇA A VILLA MODELO

(11)3181-9629

Lembrando Cony

O *Ventre* me fez a cabeça, parecia estar anunciando aquele camarada, no dia em que chegou ao colégio com o romance de um tal de Carlos Heitor Cony. O ano? Ali por 1960, 61. Nenhum de nós tinha ouvido falar do autor, mas só o título do livro já nos pôs em polvorosa, não exatamente literária.

Farejamos lubricidade impressa, algo então bem difícil de encontrar; estávamos numa altura da história e da vida em que as leituras eram estritamente vigiadas pelos pais e pela Santa Madre Igreja, sob pena de suspensão de saída e de se tornarem pretas nossas almas. Não espanta que toda a roda, instantaneamente ouriçada, tenha se candidatado a ler *O Ventre*, que o privilegiado possuidor consentiu em emprestar, com a condição de que fosse devolvido sem tardança nem nódoas.

Como fosse enorme a fila dos pretendentes, e curta a mesada para o maço diário de Luiz XV, foi por outro livro, *A Verdade de Cada Dia*, que fiz a minha entrada na prosa de Cony. Escrito em 9 dias, o romance, magrinho, não me tomou mais que duas horas de leitura, e até por isso não deixou em mim qualquer lembrança. Em pouca gente terá deixado, aliás. O próprio autor parece ter deletado o romance, que sumiu das livrarias depois de uma ou duas reedições.

Já de *O Ventre*, lido em seguida, foi forte e duradoura a impressão que me ficou. Muito mais do que lubricidade, afinal rala, experimentei ali o choque de uma literatura desabusada, de maus modos, novidade para quem até então só conferia status literário a prosas que, no fundo e na forma, fossem bem-comportadas.

Fisgado, não perdi um só dos romances que Carlos Heitor Cony ia mandando para as livrarias. *Tijolo de Segurança*, *Informação ao Crucificado*, *Matéria de Memória*. Da *Informação*, diário de um seminarista que perde a fé, me lembro, entre outras, também *Antes, o Verão*, para depois me dar conta de que um canhestro conto meu, escrito aos 19 anos e premiado num concurso, denunciava a leitura do sexto romance de Cony.

Gostava também de suas crônicas, publicadas no *Correio da Manhã* e em 1963 selecionadas para *Da Arte de Falar Mal*, a que ainda hoje gosto de voltar – bem menos biodegradáveis que as de *O Ato e Fato*, escritas a partir dos primeiros momentos do golpe de 64. Dessassombradas, não raro desaforadas, as crônicas políticas de Carlos Heitor Cony não pouparam milicos do mais alto coturno, como o próprio ministro

Nem sempre vale a pena conhecer o autor de livros que apreciamos. Não era esse o caso de Cony

da Guerra, Costa e Silva, que o processou. Além de encrenca, o cronista ganhou notoriedade nacional. Lembro-me da recepção de herói que estudantes de BH armaram para ele em 1965.

Pessoalmente, fui conhecer Cony em 1976, em Estocolmo, na cobertura do casamento do rei Carlos Gustavo XVI com a teuto-brasileira Silvia Sommerlath, ele pela revista *Manchete*, eu ao publicar um livro chocante até para seus padrões, o romance *Pilatos* – história de um homem que vaga pelo Rio de Janeiro com um frasco de formol em que boia seu pênis decepado –, decidira pendurar suas chuteiras literárias. Ao olhos de muitos, entre os quais por um tempo me incluí, Cony passara a ser um traidor não só da literatura como da causa do combate à ditadura, para acomodar-se no jornalismo insosso da *Manchete* e demais publicações da Bloch.

Voltaria com fragor à cena literária em 1995, ao publicar *Quase Memória*, "quase romance" inspirado em seu pai. Foi talvez o livro de Carlos Heitor Cony mais bem recebido pela crítica e pelo público. Ainda era best-seller quando, em janeiro de 1996, o autor foi entrevistado no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Na bancada dos entrevistadores, perguntei a ele o que levara um autor conhecido pela contundência a escrever um livro doce como *Quase Memória*. Cony não escondeu o desconforto que o adjetivo açucarado lhe causou. No final do programa, veio a mim e disse, veemente, que de doce sua prosa nada tinha. Como argumento adicional, enviou-me um exemplar de *Pilatos*, que releio agora, 20 anos depois, e não encontro nada que o desabone.

Nos anos seguintes, Cony e eu nos encontramos algumas vezes, sempre em ocasiões festivas, e ele sempre me cumprimentava com um "Como vai o meu amigo?". Não sei se era mesmo meu amigo, mas sempre me tratou como tal. Nem sempre vale a pena conhecer o autor de livros que apreciamos. Não era esse o caso de Cony.

Em 1997, ele publicou *Pessach: a Travessia*, romance que lhe valeu o Prêmio Jabuti. Foi a última vez que o entrevistei, para a *Playboy*. Deliciosa conversa, uma vez mais, primeiro no prédio já aflitivamente deserto da agonizante Bloch, na praia do Russell, depois em seu apartamento, na Lagoa.

Entre muitas lembranças, ficou a de um telefonema que por um momento interrompeu a entrevista. Pelas breves intervenções de Cony, com a fala mascada de quem não disse palavra até os 4 anos, e que, curado da mudez, só na adolescência deu cabo de uma gagueira, foi possível perceber que ele estava recebendo uma notícia – na verdade, uma esplêndida notícia: por *Quase Memória*, acabara de ganhar um prêmio cujo valor equivalia a quase 50.000 dólares.

Foi o que ele me contou, sem um traço de júbilo, para em seguida retomar o papo: "Onde a gente estava?". Ao escrever o texto introdutório da entrevista, fechei com essa historinha – e acrescentei que nunca tinha visto alguém ganhar quase 50.000 dólares sem comemorar. Cony achou graça na observação, e a ela voltava sempre que me via, antes mesmo de apertar a mão. "Você me deu sorte", ria ele, "você me deu sorte!".

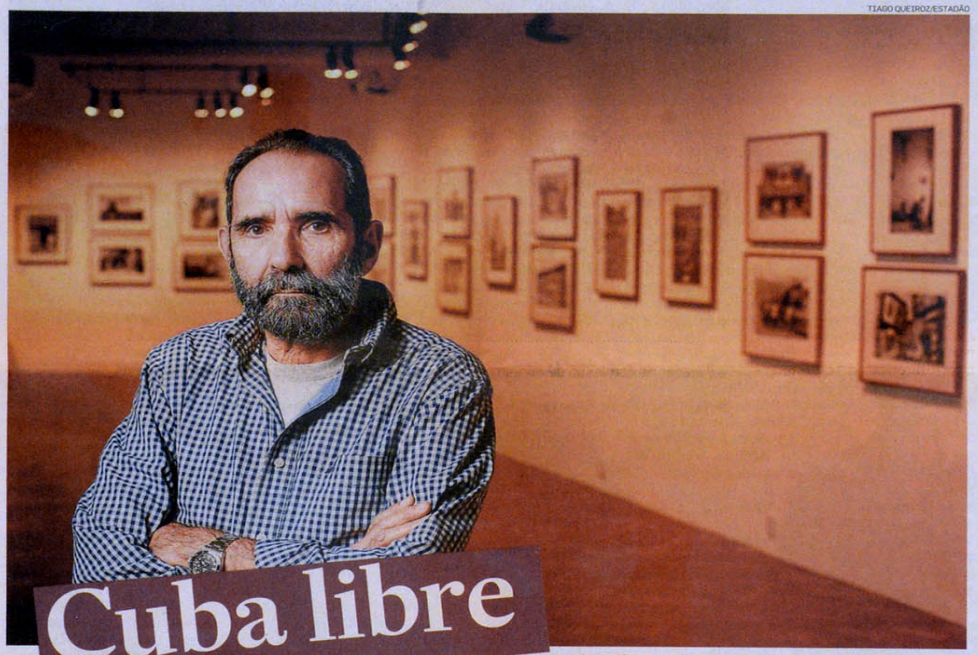
Visuais

Cuba libre de Figueroa

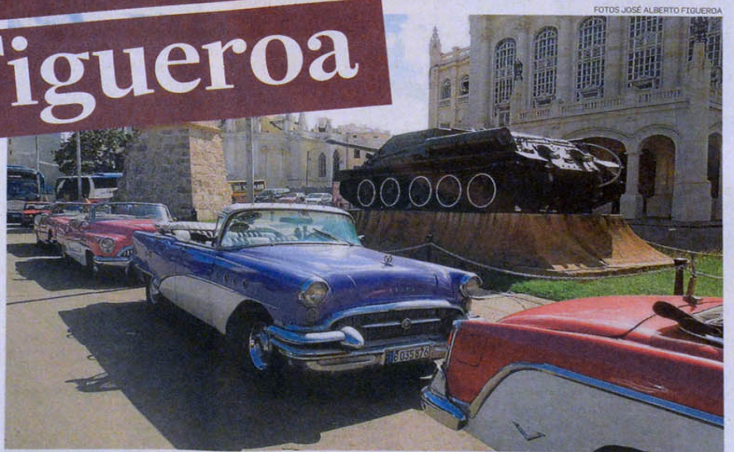
Para o fotógrafo cubano, que expõe na Caixa Cultural, seu país experimenta uma renovação que ele tenta mostrar em suas imagens

Antonio Gonçalves Filho

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO



FOTOS JOSÉ ALBERTO FIGUEROA



Mitos. Na foto maior acima, o fotógrafo; ao centro, os almendrones típicos de Havana; na foto ao lado, a imagem da zelosa 'mãe' cubana

O fotógrafo José Alberto Figueroa é filho da Revolução Cubana. Ou melhor, um órfão. Seus pais deixaram Cuba nos anos 1960, partindo para Miami como outros cubanos. Ele ficou. E não se arrependeu. Em 1964, aos 18 anos, entrou pela primeira vez no estúdio do mítico fotógrafo Alberto Korda, que, quatro anos depois, seria expropriado pelo governo cubano. Naquele momento, Figueroa não estudava nem trabalhava. Sua família, então, planejava ir embora para os EUA. E foi. Há na mostra um 'recuerdo' sentimental da despedida, duas mãos acenando em primeiro plano e a figura da mãe de Figueroa na pista do aeroporto.

Há outras mães na exposição. Uma das fotos mais reproduzidas de Figueroa mostra uma mulher negra sentada à beira de uma cascata artificial do Hotel Nacional, em Havana, enquanto crianças brincam com boias de caminhão na água e uma bandeira cubana tremula no topo. Trata-se, segundo a curadora, de uma boa metáfora sobre a mãe que espera eternamente seu filho, como a de Figueroa. Muitos cubanos pagaram com a vida a travessia para Miami, em barcos improvisados ou mesmo em boias como essa.

"Certo dia, estava passando pelo Malecón e vi aquelas pedras moldadas pela correnteza do mar em forma de cruzes", conta Figueroa. "Pensei que elas simbolizavam todos aqueles 'balseros' mortos que tentaram sair de Cuba nos anos 1990 e, então, fiz a foto da praia", diz, mostrando a impressionante imagem das cruzes enfileiradas na orla da capital cubana.

Esse olhar para a natureza como um acontecimento social é fruto de anos de treinamento como fotojornalista. Após o fechamento do estúdio de Korda, em 1968, cada um foi para um lado. Figueroa acabou trabalhando para a revista *Cuba*. Paralelamente ao trabalho jornalístico, ele registrou seus amigos e familiares, imagens que hoje são documentos históricos de como vivia a burguesia cubana nos anos 1960 antes de o Comitê para a Defesa da Revolução criado por Fidel Castro engrossar a vigilância de atividades contrarrevolucionárias e expropriar seus bens.

Figueroa trabalhou para a revista *Cuba* até 1976. Já era um homem de 30 anos, viajara pelo interior do país e fizera alguns trabalhos no exterior – essa história pessoal pode ser acompanhada pelo visitante na primeira seção da retrospectiva.

Na segunda seção, que cobre as décadas de 1980 e 1990, o fotógrafo acompanha a derrocada do regime socialista europeu e os efeitos da queda do muro de Berlim na economia de Cuba, até então mantida com recursos da ex-União Soviética. Uma foto na exposição tenta reproduzir o olhar do europeu do leste para o mundo ocidental: um buraco imenso no muro que separava as duas Alemanhas, através do qual se vê um carro de luxo no lado oeste de Berlim. "Essa foto foi feita antes da queda do muro", conta Figueroa, que registra em outras da exposição como esse acontecimento histórico acabou afetando a economia cubana e a vida de seus compatriotas.

Um exemplo disso é a imagem de um menino solitário sentado num canto de Calle Figueroa em La Vibora. Outra é a da menina triste da Plaza Vieja, patrimônio cultural da humanidade, mas que ficou abandonada por muitos anos antes de voltar a ser uma atração turística com cafés e restaurantes. É o retrato vivo de um povo em eterna transição.

No terceiro bloco, que reúne imagens icônicas de Figueroa, com a representação de ídolos nacionais como José Martí e Che Guevara, o fotógrafo analisa a relação dos cubanos com a religião e o culto a essas figuras históricas. Para traduzir o conceito de idolatria da massa, Figueroa, que é bastante crítico sobre manipulação estatal, visitou uma fábrica e registrou uma de suas fotos mais difíceis.

"Estava fazendo um trabalho nessa fábrica e o administrador do lugar ficou intrigado com meu interesse pela megaprodução de bustos de José Martí, criador do Partido Revolucionário Cubano, um mártir adorado tanto pelos cubanos castristas como pelos exilados que vivem em Miami." Desconfiado, o administrador não permitiu a foto. Figueroa, insistente, voltou mais tarde. O resultado está bem na porta da Caixa Cultural: é a foto que ilustra o cartaz da exposição.

"Meu pai sempre se preocupou com essa manipulação simbólica das imagens", revela a curadora da mostra, Cristina Figueroa, que exerce a mesma função na Casa de las Américas, organização criada em 1959 para promover o intercâmbio cultural entre Cuba e demais países da América Latina. E não deve ser por acaso que, no último bloco da exposição, dedicado às primeiras experiências de Figueroa em cores, o irmão de Fidel Castro, Raúl Castro, apareça numa foto como um pôster encostado no canto de uma parede, como se já fizesse parte do passado.

O presente, mostra Figueroa, são garotas vestidas de legging com a bandeira americana estampada e carros antigos, chamados pelos cubanos de "almendrones" (cadillacs dos anos 1950), totalmente restaurados, resgatando um luxo pré-revolucionário.

"Creio que esse é um fenômeno ligado à força dos cubanos de se renovar e se adaptar aos novos tempos, analisa Figueroa, atribuindo à volta de muitos cubanos essa mudança de comportamento num país fortemente marcado pelo nacionalismo. Ele mesmo tem um filho e um neto que moram em Miami e que agora vê regularmente.

"Manter e estimular as relações com os EUA é fundamental neste momento para Cuba", diz o fotógrafo, que prossegue em seu incansável projeto de retratar ruas que levem seu sobrenome ao redor do mundo.

UM AUTORRETRATO CUBANO
Caixa Cultural. Praça da Sé, 111, tel. 3221-4400. 3ª a dom., 9h/19h. Abertura nesta 3ª (9), 19h30, para convidados.
4ª (10), abre para o público. Grátis. Até 4/3.